

O Quilombo Mel da Pedreira – Macapá/AP: territorialidade e dinâmica sócio espacial

Liliane Rodrigues Soares¹

¹ Professora da Universidade Federal do Amapá, vinculada ao Colegiado de Geografia. Mestre em Desenvolvimento Regional, Brasil. E-mail: lilianesoares@unifap.br.

RESUMO: O trabalho procura evidenciar a dinâmica sócio espacial do Quilombo Mel da Pedreira, localizado em área rural do Município de Macapá-AP. É um quilombo que não resulta de quilombos constituídos no período escravista, mas apresenta descendentes que possuem envolvimento na formação do espaço agrário atual. Busca-se analisar a territorialidade quilombola relacionada ao uso dos recursos naturais e relação com a terra. Na investigação fez-se uso da pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo com a observação direta, os questionários e as entrevistas. Revela que a posse coletiva e o uso comum da terra são características marcantes do Quilombo do Mel.

Palavras-chave: Território. Quilombolas. Territorialidade. Identidade. Cultura.

ABSTRACT: The work seeks to highlight the dynamic socio-spatial Quilombo Mel da Pedreira, located in rural area of the city of Macapá-AP. It is a quilombo that does not result from quilombos made in the slave period, but has descendants who have involvement in the formation of the current agrarian space. The aim is to analyze the quilombo territoriality related to the use of natural resources, relationship with the land. The investigation was made use of literature and field research with direct observation, questionnaires, and interviews. It reveals that the collective ownership and common land use are striking features of the Mel Quilombo.

Keywords: territory, maroon, territoriality, identity, culture.

Sumário: 1 Introdução - 2 Território de Quilombo: 2.1 Parentesco e Religiosidade; 2.2 Caracterização da Área Quilombola - 3 Aspectos da Dinâmica Sócio Espacial do Quilombo do Mel; 3.1 Usos da Terra no Quilombo do Mel; 3.2 A Produção do Mel e o Saber Tradicional - 4 Considerações - Referências.

1 INTRODUÇÃO

Considera-se que o campesinato se torna expressivo na Amazônia com o declínio das missões e com o fim da escravidão indígena, transformando as bases produtivas da região no período colonial. A participação do negro na formação étnica do camponês de características agroextrativistas, no início ocorreu de forma secundária, já que

mão de obra negra era absorvida na agricultura de exportação, sendo que a partir da criação dos quilombos como forma de resistência ao sistema colonial vigente, adotou-se, também, o modo de produção camponesa.

O processo histórico de formação da estrutura camponesa foi caracterizado pela opressão, marginalização e destruição da identidade cultural de índios e negros, refletidos até hoje nas populações que vivem sob esse modo de produção. Nesse contexto, percebe-se que a necessidade de sustento e sobrevivência obriga os grupos que compõem a parcela da sociedade desprovida de bens ou riquezas a buscarem condições de vida, necessidade de acesso e permanência nas terras, com vistas a continuar exercendo suas atividades produtivas de subsistência.

A territorialidade existente está associada a dinâmica que envolve as comunidades, pois de modo geral, possuem um caráter familiar, do ponto de vista econômico, daí sua associação ao campesinato. Há de se ressaltar que o campesinato possui dois traços básicos, sendo a integração parcial aos mercados e o caráter incompleto destes mercados (ABRAMOVAY, 1992). Desse modo, o território apresenta-se como a prova histórica de sua identidade e territorialidade. É fundamentalmente um espaço definido por e a partir de relações de poder, assim, pode ser entendido como instrumento no exercício do poder, sendo passível de conflitos e contradições sociais (SOUZA, 2007, p. 78).

No Amapá, os territórios étnicos foram socialmente construídos e auto reconhecidos mediante o estabelecimento de formas de uso e ocupação, e não por meio de delimitações das propriedades rurais. Em outras palavras, o uso social, econômico e cultural é que caracterizam a territorialidade dessas comunidades, e não a delimitação fundiária que ocorre posteriormente. Nas últimas décadas, a área que compreende o Quilombo Mel da Pedreira foi apropriada de forma indevida por terceiros para exploração dos seus recursos naturais, já que essas terras não tinham titulação e regularização fundiária. Apenas em 2007, a forma de propriedade tornou-se de titulação definitiva da comunidade, conferindo-lhe o direito coletivo e indiviso¹.

Nesse sentido, o presente artigo procura analisar como estão organizadas as relações de produção existentes no quilombo, e o seu envolvimento na economia e no espaço agrário do Amapá. Isto é, objetiva analisar a territorialidade quilombola relacionada a ocupação do território e ao uso dos recursos naturais e da terra, para assim revelar a dinâmica territorial do quilombo.

Os dados aqui apresentados foram obtidos durante o período de execução da Pesquisa de Dissertação do Mestrado em Desenvolvimento Regional, diante da proposta de um estudo de caso de cunho qualitativo. Compõem as informações, a revisão bibliográfica e os dados coletados a partir das observações em campo nos anos de 2007 e 2008. As observações e registros fotográficos foram aplicados com o intuito explora-

¹ Esse direito também lhe confere a inalienabilidade, a imprescritibilidade e a impenhorabilidade à semelhança do que ocorre com as terras indígenas, garantindo assim, o direito legal ao uso e ocupação desse território.

tório e, posteriormente, completou-se com a realização das entrevistas e aplicação de questionários no ano de 2009.

Com os resultados obtidos na pesquisa de campo, procurou-se refletir sobre a ocupação do território, o uso de recursos, descendência e modo de vida. Além dos questionários procedeu-se a entrevista aberta, realizada principalmente com os membros mais antigos da comunidade, na tentativa de aprofundar algumas das questões investigadas. Pretendeu-se contextualizar os comportamentos dos sujeitos, fazendo a sua vinculação com os sentimentos, crenças, valores e permitindo, sobretudo, que se obtivessem dados sobre o passado recente ou longínquo, de maneira explícita para entender o momento presente da territorialidade quilombola.

2 TERRITÓRIO DE QUILOMBO

Os territórios de quilombo não podem ser considerados simples vestígios do passado. É, na atualidade, constituído por um grupo de pessoas, familiares, que vivem no mesmo espaço por se identificarem por meio dos laços de parentesco e de memória na construção histórica da comunidade. Assim se engajam num movimento cuja identidade evoca aspectos do passado, mas que com a constituição de relações cria-se uma subjetividade, uma identidade com o espaço ocupado, construindo assim por meio de sua apropriação, uma territorialidade, neste sentido

O conceito de territorialidade refere-se, então, às relações entre um indivíduo ou grupo social e seu meio de referência, manifestando-se nas várias escalas geográficas – uma localidade, uma região ou um país – e expressando um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado espaço geográfico. (ALBAGLI, 2004, p. 28).

Os habitantes da comunidade do Mel da Pedreira entendiam que seus direitos à terra estariam assegurados, se comprovado fosse seu vínculo com a terra. O reconhecimento e a certificação por parte do Governo Federal em 2007 contribuíram para uma construção social da legalidade por parte da comunidade, salvaguardando-a diante das sucessivas tentativas de grilagens e consolidando o acesso à terra pelo qual vinham lutando há décadas.

Para o resgate dos aspectos históricos da comunidade recorreu-se ao depoimento dos três membros mais antigos da comunidade, filhos do fundador da vila. Ao mesmo tempo analisou-se o Relatório Antropológico que retrata a história e cultura da comunidade. De acordo com o Relatório na criação do Território Federal do Amapá, atual Estado (desde a Constituição Federal de 1988), o município de Macapá e seu entorno se expandiam economicamente, sobretudo na agricultura e pecuária. Momento no qual muitas famílias começaram a procurar áreas para se assentar e continuar a exercer suas atividades agrícolas, visando melhores condições de vida.

Esse dado refere-se ao processo político de centralização enquanto estratégia de

maior participação do poder central sobre os Territórios Federais nas decisões e organizações administrativas e econômicas locais vivenciadas pelo Amapá (PORTO, 2003). De 1943 a 1969, houve diversas estratégias econômicas, caracterizando as políticas dos territórios federais amazônicos, em particular o Amapá. A expansão produtiva e organização espacial é evidenciada pelos seguintes aspectos: a mineração e exportação de manganês; a implantação de infraestrutura (rodovias, ferrovia e porto); a criação da colônia agrícola do Matapi e a implantação da Bruynzeel Madeireira S.A (BRUMASA) (PORTO, 2003).

Dos relatos sobre a história de formação da comunidade e acerca do nome do lugar, inicialmente era conhecido como Ressaca do Mel, por encontrarem no lugar grande quantidade de enxames de abelhas, o que tornava o lugar um produtor natural de mel. Em seguida, ficou conhecido como Vila do Mel, e atualmente como Quilombo Mel após o reconhecimento enquanto quilombolas. A comunidade do Mel é considerada tradicional devido suas características habitacionais, econômicas e pela carga histórica-cultural de seus antepassados ainda muito evidentes.

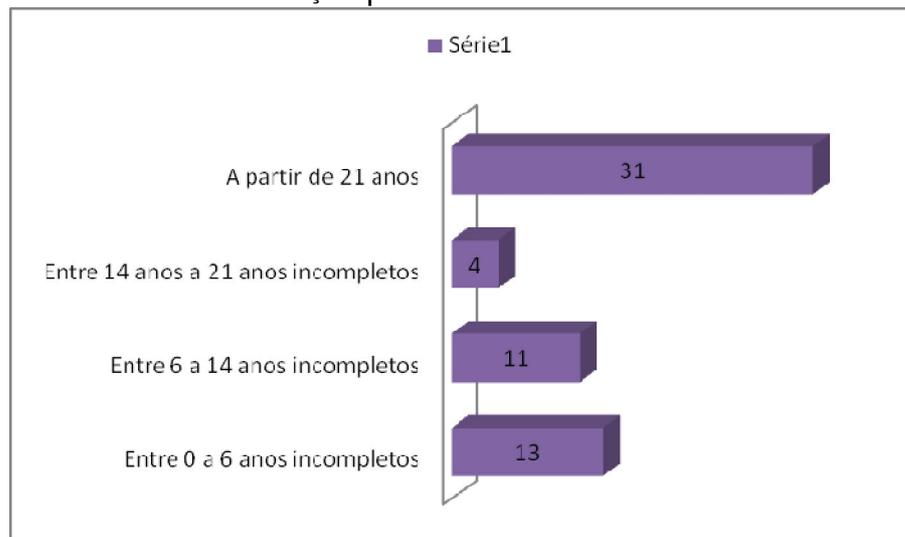
A coleta de depoimento permitiu constatar que a ocupação se deu desde 1954. Um dos moradores mais antigos (um dos entrevistados) relatou que sua família chegou à comunidade quando ele estava com oito anos, na década de 1950. Segundo ele, seu pai era natural do quilombo Campineiro e sua mãe natural do Quilombo Ambé, foram primeiro para São Pedro dos Bois, onde se dedicavam à criação de gado, e depois para o Mel, onde se dedicou à agricultura.

O tradicional, aqui entendido como construção simbólica em torno do modo de viver e das práticas rotineiras do uso dos recursos naturais incorpora reivindicações do presente. Estando relacionado ao modo de vida dos quilombolas do Mel que se reveste de uma forma vívida e ativa na defesa e garantia de seu território.

2.1 PARENTESCO E RELIGIOSIDADE

Dentre os elementos que representam identidade, há dois aqui expostos, o primeiro refere-se às relações de parentesco e o segundo à religiosidade. Os moradores que mantêm parentesco dentro da comunidade somam aproximadamente 342 pessoas. A árvore genealógica do casal de fundadores (já falecidos) tem 8 filhos, 84 netos, 220 bisnetos e 30 tataranetos. Propriamente no quilombo existem apenas 13 famílias vivendo nas terras, alguns grupos familiares moram na mesma casa, atingindo uma média de 59 pessoas (ver gráfico 01). Como visto, a grande maioria mora na zona urbana de Macapá.

É uma comunidade que ainda mantém importantes laços de parentesco entre os seus habitantes. Pode-se dizer que todos eles são parentes. São basicamente três grupos de famílias. Há um número pequeno de moradores que se mantiveram no quilombo, principalmente no que se referem aqueles em idade escolar, o que revela as dificuldades de permanência na terra.

Gráfico 01: Distribuição por idade dos moradores do Quilombo Mel

Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

Quanto à religiosidade, na maioria são adeptos da Religião Evangélica, sendo assim, não comemoram datas de Santos Católicos como em outras comunidades rurais negras do Estado². Os dias festivos ficam restritos as comemorações escolares. De acordo com a história relatada a religião predominante na comunidade era a religião católica. Quando chegaram ao Mel, em 1954, tinham como padroeiro o Santo Antônio, e costumavam festejá-lo. Na época que eram católicos e devotos de Santo Antônio, realizavam festa com tambor celebrando os rituais Marabaixo e Batuque.

Entretanto, de acordo com o relato oral em 1968, a comunidade recebeu uma visita evangélica da Igreja Presbiteriana do Brasil, e resolveram aderir a vida cristã evangélica, e assim, possuem uma Igreja Presbiteriana, e atualmente se dedicam ao culto religioso. Há uma rotatividade de ações com cultos, escola bíblica dominical, além de visitas evangélicas, e que envolvem, inclusive as comunidades próximas, como Comunidade do Rosa, Comunidade de São Pedro dos Bois, Cavalos da Pedreira, Alegre e Ambé.

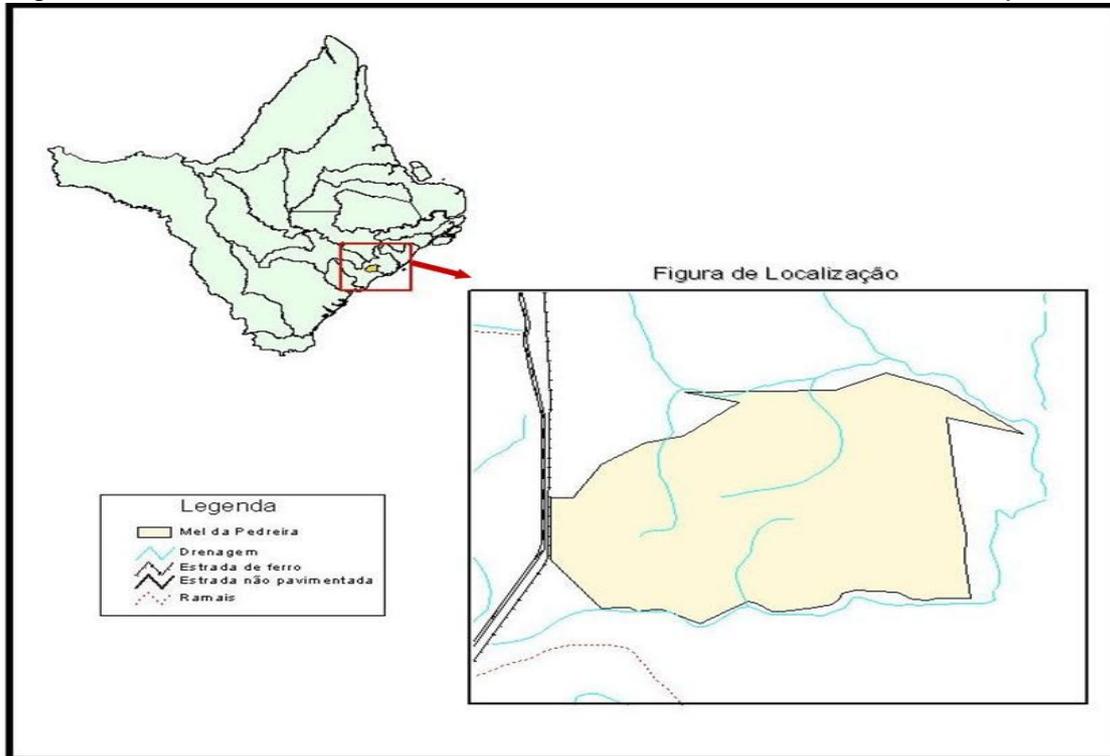
2.2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA QUILOMBOLA

O Quilombo Mel da Pedreira está localizado no município de Macapá-AP (ver figura 01) a uma distância de 50 km da zona urbana. O município de Macapá limita-se ao norte com Ferreira Gomes, Cutias e Itaubal, ao sul com o município de Santana, a oeste com o município de Porto Grande. A comunidade está localizado à margem esquerda do Rio Amazonas. Seu acesso é feito quase exclusivamente pela BR 156, se-

² Comumente as comunidades quilombolas são adeptas do catolicismo, realizando festividades para os santos todos os anos, e mantendo um calendário anual de comemorações em diferentes localidades.

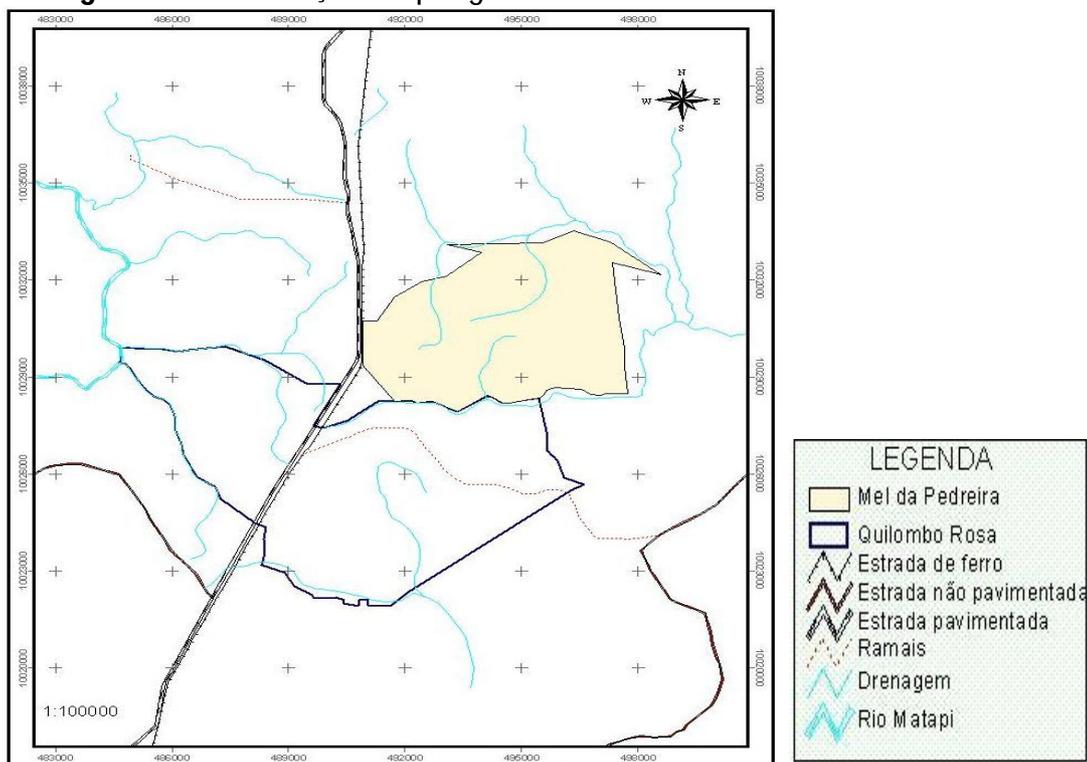
guida por um ramal constituído de piçarra, que tem início aproximadamente no km 25 da BR-156. Há também a possibilidade de acesso com canoa, por meio da comunidade de São Pedro dos Bois.

Figura 01: Localização do Quilombo Mel da Pedreira no Estado do Amapá



Fonte: INCRA, 2008.

No Relatório Técnico de Identificação e Reconhecimento da Comunidade de Remanescente de Quilombo Mel da Pedreira, produzido em 2005, pela Divisão Técnica do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), observa-se a identificação da área, a situação dominial do imóvel, as características geográficas, físicas e edafo-climáticas, bem como as informações agrônômicas, ecológicas e socioeconômicas apresentadas pela comunidade no momento em que vigorou seu processo de reconhecimento. Assim, após a finalização da área pretendida, houve a produção da planta que define os limites do quilombo e sua delimitação cartográfica (ver figura 02).

Figura 02: Localização do polígono do Quilombo Mel

Fonte: INCRA, 2008

Segundo o memorial descritivo feito pelo INCRA a área tem confrontações com o canal do Mato Grande e terras de quem de direito ao sul, com o Igarapé do Caju e terras de quem de direito ao norte, ao leste com o canal do Mel e a oeste com a margem direita da estrada de ferro do Amapá (a BR 156, encontra-se paralela à estrada de ferro). A área da comunidade está entre as coordenadas geográficas $0^{\circ}17'53''$ e $0^{\circ}15'39''$ Norte e $51^{\circ}00'56''$ e $51^{\circ}04'54''$ Oeste. Atualmente a área territorial do quilombo é de 2.199,4570 hectares de extensão, coexistem as suas proximidades outras comunidades rurais negras, em sua maioria, remanescentes ou descendentes de negros.

Um lago perene que margeia a comunidade permite o acesso às comunidades vizinhas, que são conhecidas como Cavalo, Alegre e São Pedro dos Bois³, cujo transporte é feito de canoa. O Quilombo Mel está compreendido no sistema que integra o Vale do Rio Pedreira. Isto é, conta com uma paisagem variante entre campos de várzea e cerrado ambos bastante conservados, margeados pelo Rio Pedreira que forma o lago (ver figura 03). A vila de casas está localizada próxima aos campos alagados, que possuem duas variações sazonais diferentes.

³ As três comunidades com as quais faz fronteira são três comunidades que possuem, na maioria, pessoas idosas que lá nasceram e cresceram.

Figura 03: Lago no período sem chuvas

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

No verão há a diminuição do volume de água, mas não chegando a secar. Representa a estação seca (julho a dezembro), onde o lago serve de pasto para os búfalos. E assim como nos demais campos alagáveis (nome recebido regionalmente) permite a passagem de pessoas para a outra margem a fim de coletar frutos ou para desenvolver a pesca em áreas que não secaram.

Durante a estação chuvosa (janeiro a junho) o lago alcança o nível mais alto ocupando uma grande área (ver figura 04), ficando muito próximo às residências. É pouco profundo, mas seu regime é alimentado por uma rede de pequenos rios que drenam a água da chuva ao rio principal dessa bacia, o rio Pedreira, que deságua no Rio Amazonas. Com a estação das chuvas, o lago é utilizado para a pesca.

Figura 04: Lago no período chuvoso

Fonte: Pesquisa de Campo, 2009.

Entretanto, o domínio florestal importante e predominante ao longo da área do Quilombo é o constituído pelo cerrado, representando 90% do território do quilombo. Contudo, em locais com declives e com significativas drenagens temporárias, surgem formações pioneiras, nas quais a vegetação dominante são buritis (*mauritia flexuosa*), tucumã (*astrocaryum vulgare*), mucajá (*acrocomia aculeata*), além de outras árvores. O Mel possui ilhas de matas referentes a apenas 10% do seu território, que corresponde à quantidade de área de mata preservada. Assim, compreende uma faixa de 10% de matas e 90% de cerrado. Desses 10%, é reservado aproximadamente 30 hectares de solos férteis para a agricultura familiar, sendo o restante preservado.

3 ASPECTOS DA DINÂMICA SÓCIO ESPACIAL DO QUILOMBO DO MEL

A infraestrutura e os equipamentos sociais que compõem o cotidiano do Mel são mínimos e precários. Possuem energia elétrica, sua implantação por parte do governo do estado esteve relacionada ao projeto de extensão de energia elétrica para a zona rural de Macapá há pouco mais de uma década, quando abandonou-se as velas e lamparinas. Quanto à energia usada para cozinhar, o gás de cozinha é o principal meio e secundariamente usam a lenha. Normalmente, nesse sentido, cada casa tem o consumo de um botijão ao mês. Em outros casos, como para a produção de farinha usam lenha da própria roça, ou madeira seca tirada do campo, como árvores de murici.

Quando perguntados sobre a existência de equipamentos, como o telefone rural, informou-se que há apenas um telefone público. O qual foi instalado em 1997, para atender à necessidade de comunicação de seus moradores e das comunidades vizinhas. Constatou-se que o serviço de correio ou bancário é inexistente. O acesso à informação é obtido por meio de rádio e televisão que recebem em suas moradias.

Como observado, o quilombo dispõe de água, contudo, até o primeiro semestre de 2009 não havia água tratada, O consumo de água vinha de poços amazonas ou do lago que margeia a comunidade. Há menos de um ano passaram a utilizar a água do poço artesiano, que atualmente beneficia toda a comunidade. Não existe rede de esgoto, sendo os dejetos despejados diretamente no solo. O destino dado aos resíduos sólidos é a queima realizada em covas feitas pelos moradores, sem nenhum controle nem local apropriado, pois não existir coleta de lixo nem o reaproveitamento do mesmo.

O acesso ao mel pelo ramal, no período de chuvas, é muito difícil, dada as condições da estrada que não possui pavimentação. Entretanto, os moradores demonstram-se esperançosos quanto à pavimentação ou simplesmente à terraplenagem do ramal, para facilitar o acesso ao Quilombo e a ida a Macapá. A população que integra a comunidade utiliza-se de canoas para se locomover até lugarejos próximos ou de transporte próprio ou de terceiros para ir até a zona urbana do município. Há a dificuldade de acesso entre as comunidades que formam o Vale do Rio Pedreira, por não

possuírem um único acesso em comum. Há a previsão de construção de uma ponte que integre as comunidades junto às que se concentram ao Distrito da Pedreira.

Não se faz uso de nenhum tipo de animal para transporte da população ou de cargas. Aproximadamente há dois anos, faziam uso do caminhão que é mantido pelo poder público para o transporte da produção agrícola da comunidade. A mesma precisava esperá-lo em outra localidade próxima para ter o acesso à feira que ainda acontece duas vezes na semana na zona urbana de Macapá. Atualmente, porém, informaram que não participam da comercialização realizada na feira do produtor em Macapá.

Existe na comunidade apenas uma escola pública estadual. A história de sua implantação está relacionada ao ano de 1977, quando o secretário de educação da época, atendeu ao pedido da comunidade para o envio de uma professora para ensinar os filhos dos moradores. A primeira escola chamada de Escola de 1º Grau do Mel funcionava na residência de um comunitário (senhor Antônio Bráulio de Souza). O prédio próprio somente foi construído em 1989 (dois anos após da solicitação da obra).

Segundo o relatório antropológico, com o falecimento do patriarca da comunidade, em 1994, seu filho Manoel Alexandre Ramos de Souza, que na época assumiu a liderança da comunidade, solicitou a mudança do nome da escola, com o objetivo de homenagear o pai e fundador da vila. Assim, no ano de 1997, a escola passou a ser denominada de Escola Estadual Antônio Bráulio de Souza.

As crianças da escola só podem estudar até o quinto ano do ensino fundamental, necessitando dar continuidade aos seus estudos em outras comunidades ou em Macapá, que oportunizam as séries posteriores. Quando terminam o estudo na comunidade, os alunos geralmente passam a frequentar a escola de São Pedro dos Bois (que oferece até o 9º ano) ou a da Tessalônica (que além do ensino do 6º à 9º ano também oferece o ensino médio). A opção pelas escolas de Macapá gera a necessidade de se estabelecerem na cidade por não haverem condições de ir e voltar no mesmo dia para o quilombo. Um dos motivos pelos quais ocorre, em grande parte, a migração dos quilombolas para a cidade.

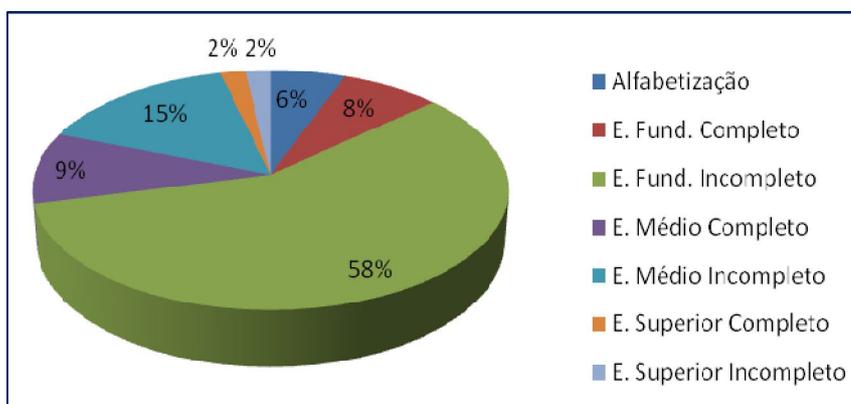
A estrutura da escola existente é pequena, comportando em média 35 alunos matriculados, além de três professores de Macapá. Ressalte-se que em 2009, a diretora nomeada para a escola é originária do próprio quilombo. A escola recebe alunos de outras comunidades, principalmente alunos do Quilombo do Rosa que são transportados diariamente até a escola. Algumas famílias possuem carro de transporte escolar, totalizando três na comunidade e que foram adquiridas com recurso próprio. Em uma das famílias entrevistadas, a venda do búfalo de que dispunham foi utilizada no custeio do veículo que havia sido comprado. Com isso, os veículos estão alugados para o governo para fazer o transporte escolar no sentido Mel-Tessalônica-Rosa.

Observa-se, nesse sentido, uma concentração de pessoas que cursam ou pararam de estudar no ensino fundamental. Não tendo concluído, ou ainda buscando a conclusão. A partir dos dados apresentados, pode-se elaborar o seguinte gráfico 02. Nes-

te sentido, aponta-se a necessidade de ampliar ou mesmo estimular a continuidade do processo de formação educacional, tendo em vista a elevação do nível de escolaridade dos moradores, que estão fora da faixa etária indicada para tal.

Assim, seria importante a oferta do curso de formação de jovens e adultos, uma maneira de diminuir a alta concentração no nível fundamental. Por outro lado, pode-se analisar, a partir do gráfico 01, que há a forte presença de crianças em idade escolar, que compõem a comunidade e que frequentam a escola do próprio quilombo. Ressalte-se, ainda, que os dados apresentados não envolvem os alunos que pertencem a outras comunidades, mas que estudam no quilombo.

Gráfico 02: Nível de escolaridade dos moradores do Quilombo



Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

Quanto à oferta de serviços de saúde, esta é inexistente, o posto de saúde mais próximo é o de São Pedro dos Bois, sendo que precisam atravessar o lago para chegar até lá em busca de atendimento. O que é mais demorado do que ir até Macapá, a procura de atendimento na rede básica de saúde. A localidade recebe eventualmente uma vez ao mês visita de uma equipe que faz o acompanhamento oferecendo médico, enfermeiro e um assistente social.

Porém, no dia a dia, sabe-se que os moradores do Mel são atendidos por um agente de saúde, que é morador da comunidade. Mas esse serviço não supre as necessidades de tratamento ou acompanhamento médico apresentadas. Quando se trata de doenças simples há a utilização de remédio natural que se retira das plantas medicinais ora conhecidas, quando há casos mais graves, a maioria procura o atendimento na rede básica de saúde em Macapá, e em poucos casos o atendimento particular.

As pessoas que vivem atualmente no Mel são bastante simples, a maioria das casas tem pisos em alvenaria, paredes em madeira e são cobertas com telhas de amianto, caracterizando-as por habitação mista (85%), apenas 15% das moradias são de alvenaria. Para o lazer utilizam o campo de futebol improvisado, ou somente se banham no lago em período chuvoso. O futebol, como declarado representa a principal atividade esportiva e recreativa realizada no quilombo.

A área do quilombo também é frequentada por pessoas de Macapá com finalida-

des turísticas, no entanto, não há atividade turística que gerem renda local. Normalmente recebem visitantes em busca de um espaço para acampar durante o dia, em retiros religiosos. Durante as férias escolares, observou-se a presença de familiares adolescentes que residem em Macapá, e que aproveitam para passar esse período no quilombo, em busca de lazer ou de descanso, utilizando-o como segunda residência.

3.1 USOS DA TERRA NO QUILOMBO DO MEL

Os habitantes do quilombo vivem dos recursos naturais disponíveis, praticamente, sem se preocupar com o que acontece no centro da capital. A produção extrativista é muito forte, pois ainda vivem da caça, da pesca e da coleta de frutos e raízes. Com a economia baseada no sistema de agricultura familiar, no uso comum da terra e dos recursos naturais, sua subsistência é assim garantida pela agricultura e extrativismo animal e vegetal. Geralmente, a ida à localidade Alegre (comunidade próxima) é oportuna para a compra de seus mantimentos como açúcar, sal, enlatados, leite, biscoitos e produtos de higiene, dentre outros.

Por se tratar de uma economia de subsistência, uma das fontes de renda dos moradores é obtida com a comercialização da farinha de mandioca e seus subprodutos, além da comercialização, na própria comunidade, de itens como carne suína, leite de búfala e mel de abelha, o que é feito entre os moradores da comunidade⁴. As frutas coletadas são manga, goiaba, caju e taperebá. Por ano a quantidade é diferente durante a safra e a entressafra. As polpas também são usadas para preparar os chopps, vendidos na própria vila. Dessa forma, a coleta é feita pelas famílias indistintamente. Uns colhem mais e outros colhem menos. O que se percebe é que não há um controle rígido sobre o que se obtém, nem sobre o volume de venda que esporadicamente ocorre. A pecuária é representada pela criação de búfalos (*Bubalus bubalis*), porcos (*Sus domesticus*) e galinhas (*Gallus gallus domesticus*).

A área que usam para a criação do gado refere-se ao título de herança dos descendentes do Sr. Antônio Bráulio. Alguns moradores possuem búfalos individualmente, marcados para não se misturarem. Cada família tem um pouco, somando 80 cabeças, mas cada um cuida do seu, embora fiquem soltos, cada criador tem seu próprio curral (ver figura 05). Afirmam que essa pecuária atende mais ao consumo próprio, e não há pretensão de aumentar o rebanho por considerá-lo muito devastador.

⁴ Geralmente os produtos são absorvidos pelos moradores cujas funções de motorista, diretor de escola ou agente de saúde não dedicam tempo para agricultura.

Figura 05: Criação de búfalos no Quilombo do Mel

Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

Apenas um morador afirmou ter criação de porcos, mas estava fazendo o abate durante os dias em que se processou parte das entrevistas. Devido à incidência de doença nesse animal nas comunidades próximas, foram aconselhados pela secretaria de vigilância sanitária a fazerem sua eliminação temporariamente. Outra razão deve-se a invasão a alguns cultivos frutíferos e hortas de membros da comunidade. Tentam, desse modo, evitar desavenças entre familiares que moram no quilombo.

Uma forte característica observada com o resultado das entrevistas foi quanto à importância que se dá ao trabalho comunitário. Constatou-se que sempre trabalham assim, a família se une e trabalha. Usam o sistema de mutirão entre as famílias da própria comunidade. O que geralmente envolve aproximadamente 15 pessoas. Não há distinção entre homens e mulheres quanto à participação no trabalho.

A roça envolve vários componentes de uma mesma família. No final do trabalho, a produção de farinha é repartida entre os que estão envolvidos no processo produtivo. Nesse sentido, percebe-se que, com relação ao trabalho, não há relatos de pagamento de diárias a serviços ou empreitas no quilombo. No *meliponário*, também fazem uso do mutirão ou em serviços como limpeza da área da vila, construções de casas, plantio ou produção de farinha são feitos com a organização em mutirão.

3.2 A PRODUÇÃO DO MEL E O SABER TRADICIONAL

A comunidade tem atuado no sentido de fortalecimento da renda familiar com a produção do mel, incluída no projeto que vem sendo executado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Conselho das Comunidades Afrodescendentes do Amapá⁵, Instituto Peabiru e Instituto Néctar. Afirmam que por enquanto estão traba-

⁵ A Instituição do Conselho ocorreu em 2003 com o objetivo de representar os interesses das comunidades afro-descendentes do Estado do Amapá. Suas ações são voltadas à mobilização

lhando apenas com a reprodução das caixas, e que posteriormente trabalharão na produção do mel com vistas à comercialização.

A *meliponicultura* realizada pelo Quilombo Mel é uma atividade de baixo impacto ambiental, que produz um alimento de elevado nível nutricional, e de retorno financeiro alto. Se bem planejada, a criação de abelhas sem ferrão em caixas racionais pode promover o uso racional dos recursos da floresta, equilibrando interesses ambientais, com interesses sociais e econômicos, melhorando a qualidade de vida dos moradores da comunidade.

Embora a produção do mel ainda aconteça em pequena quantidade, com vistas apenas à reprodução e ampliação do número de abelhas. Entre as vantagens apontadas pela comunidade, a reprodução das abelhas nativas dos tipos urucu-cinza ou urucu-cinzenta (*Melipona fasciculata*) e jurupara (*Melipona sp.*) ambas sem ferrão tem facilitado o processo de polinização das frutas, aumentando, dessa forma, a produção frutífera da comunidade.

Figura 06: Caixa para reprodução de abelhas no Quilombo do Mel



Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

Os moradores do mel estão envolvidos diretamente na produção, cuja divisão de tarefas relacionadas a limpeza nas caixas, o que ocorre em média duas vezes por semana, além do manejo no sentido de multiplicar as caixas (ver figura 06). Com relação às tarefas, geralmente às mulheres cabe a limpeza das caixas, e aos homens a construção de novas e a limpeza da área ao entorno. Com vistas a evitar a subida de formigas, utilizam um chumaço de óleo queimado nas extremidades. Para o manejo, inicialmente contribuem adicionando uma porção de açúcar e uma porção de água, que

popular, fortalecimento das associações comunitárias, apoio à titulação de terras quilombolas, elaboração e implantação de projetos de desenvolvimento local.

são aquecidas para criar uma espécie de líquido doce, destinado a complementar a alimentação das abelhas e ajudá-las na produção. A atividade de limpeza é desempenhada semanalmente.

A valorização do saber tradicional relacionado à coleta do mel, que historicamente caracterizou o lugar, vem sendo recuperado para aliar tradição e geração de renda para a comunidade, utilizando-se do meio natural onde estão inseridos, por meio da sua potencialidade natural, sem interferir predatoriamente neste, o que confere ao quilombo grandes vantagens comparativas pelo manejo sustentável do mel.

4 CONSIDERAÇÕES

A manutenção da comunidade se apoia no uso da terra com o objetivo de suprir suas necessidades de alimento, moradia e medicamentos. Apresenta uma economia autônoma e de subsistência, mesmo não estando isolada ou isenta de relações mercantis. Observa-se que o uso de roças familiares tem sido a forma de sustento por décadas entre os familiares que compõem o Quilombo Mel da Pedreira e que esse modo de produção tem garantido a vida material e simbólica por meio da qual se relacionam entre si e com a terra, bem como o uso da produção manejada do mel que se encontra em processo de expansão. Além disso apresentam a concepção de posse e uso comum da terra e dos recursos hídricos e florestais, característica que também acompanha a história do referido grupo.

A comunidade estrutura-se numa ordem igualitária, assentada na manutenção da cooperação e da reciprocidade. Em outras palavras, uma família conta com a outra, para que todos possam subsistir, pois juntas usufruem igualmente da terra, como garantia comunitária de meio de vida. A atualidade do advento das políticas públicas voltadas para o reconhecimento de terras quilombolas reforçam os elementos de identidade e de identificação das comunidades tradicionais quilombolas com vistas a garantir o reconhecimento e a permanência na terra. Assim, com a visibilidade é possível fortalecer a luta pela defesa dos direitos e do patrimônio cultural dos saberes e práticas organizativas, fato que leva o Quilombo Mel da Pedreira a ter expectativas quanto aos avanços junto aos programas federais.

Com a existência de tensões na estrutura agrária e fundiária regional conclui-se que a identidade é utilizada como possibilidade de autodefesa pelas comunidades rurais diante das tentativas de apropriação e expropriação de suas terras. Um dos grandes desafios postos é manter a valorização histórica e cultural das terras quilombolas na busca do seu fortalecimento cultural e político, garantindo os direitos territoriais e o fortalecimento das especificidades socioeconômicas do lugar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. *Paradigmas do capitalismo agrário em questão*. São Paulo: Hucitec,

Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

ALBAGLI, S. *Território e Territorialidade*. In: LAGES, V. et al (org.) Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Rio de Janeiro. Relume Dumará/Brasília, DF: SEBRAE, 2004.

AMAPÁ. *Relatório Antropológico apresentado ao INCRA-AP: A comunidade do Mel: história e cultura*. Macapá: UNIFAP, 2005.

PORTO, J. L. R. *Amapá: Principais transformações econômicas e institucionais – 1943 a 2000*. Macapá: GEA, SETEC, 2003.

SOUZA, M. J. L. *O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento*. In: CASTRO, I. E., GOMES, P. C. C, CORRÊA, R. L. (org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

Artigo recebido em 22 de setembro de 2015.

Aprovado em 15 de dezembro de 2015.